



**A PRODUÇÃO DE SOJA EM PEQUENAS PROPRIEDADES
FAMILIARES NA REGIÃO DAS MISSÕES/RS**

**VALDEMAR JOÃO WESZ JUNIOR; VIVIANE DO NASCIMENTO
BUENO;**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL

VITÓRIA DAS MISSÕES - RS - BRASIL

jwesz@yahoo.com.br

APRESENTAÇÃO ORAL

Evolução e estrutura da agropecuária no Brasil

**A PRODUÇÃO DE SOJA EM PEQUENAS PROPRIEDADES
FAMILIARES NA REGIÃO DAS MISSÕES/RS**

Grupo de Pesquisa 5 - Evolução e estrutura da agropecuária no Brasil.



Resumo

A soja é um dos cultivos agrícolas mais praticados no Sul do Brasil, estando presente em milhares de propriedades familiares. Entretanto, estudos acadêmicos vêm comprovando a inviabilidade econômica dessa oleaginosa nas pequenas unidades. Diante disso, o objetivo desse estudo se constitui em verificar os fatores que levam esses agricultores a continuar cultivando essa *commodity* mesmo em um contexto de inviabilidade econômico-produtivo. Essa pesquisa optou por realizar o trabalho de campo no pequeno município gaúcho de Vitória das Missões, que é caracterizado pelo reduzido tamanho das propriedades e pela enorme difusão da soja nesse contexto. Como procedimento metodológico foram aplicados questionários estruturados aos pequenos produtores que se envolviam em 2006 com a produção da oleaginosa. Os resultados demonstraram que os fatores de maior influência para produção de soja nos pequenos estratos de área estão relacionados à facilidade de comercialização da produção, a existência de crédito rural para o custeio da produção e a falta de conhecimento de outras culturas viáveis.

Palavras-chave: agricultura familiar, produção de soja em pequena escala e *commodities*.

Abstract

The soybean is one of the most practiced agricultural cultures in the South of Brazil, being present in millions of families' properties. However, academic studies have proved the economical inviability of this bean in the small farms. In front of this, the aim of this study is to verify the factors which conduct these small farmers to continue cultivating this commodity, even in a context of economic-production inviability. This research chose as field work the South's small municipality Vitória das Missões, which is characterized for its reduced properties' sizes, and for the broad dissemination of soybean plant in this context. As methodological procedures, structured questionnaires were used to interview small producers which were directly involved with soy's production. The results show that the main influential factors were related to the facilities for the production trade, to the availability of rural credit for the production, and to lack of knowledge of others feasible agricultural cultures.

Keywords: family agriculture, soy bean production in small scale, commodities.

1. INTRODUÇÃO

Na década 70 a soja instalou-se definitivamente no Brasil, embora já fosse cultivada há décadas, foi nesse período que passou a ser largamente plantada com fins comerciais e a ter crescente importância econômica. Vista como uma alternativa às crises do trigo, apresentava-se viável a pequenas, médias e grandes propriedades. Assim, auxiliada pelas políticas de crédito rural na sua maioria subsidiadas e com assistência técnica presente, a soja se disseminou de maneira rápida na região Sul e depois subiu para grande parte do país.



No entanto, com o passar dos anos, as exigências da cultura para uma boa produtividade aumentaram. A produção em pequenas propriedades se tornou mais difícil, principalmente pela dificuldade dessas propriedades se adaptarem às crescentes exigências tecnológicas do cultivo. Além disso, nos últimos tempos os problemas relativos a produção se intensificaram, sobretudo pela perda de fertilidade do solo, aumento das doenças, instabilidades climáticas, crescimento dos custos de produção e baixo preço de venda do produto.

Esse contexto serviu de base para a elaboração de um estudo feito por Fenner (2006) sobre a viabilidade da soja cultivada em pequenas propriedades - unidades de produção familiares. Este trabalho comprovou que em pequena escala se torna inviável a produção de soja diante da conjuntura em que os preços estavam muito baixos (o período analisado foi de 2000 a 2004). Tendo em vista essa pesquisa e a visível dificuldade que os pequenos agricultores familiares possuem com a produção de soja, a presente pesquisa tem como objetivo elucidar os fatores que ainda levam os agricultores familiares à produzir essa cultura mesmo sendo inviável na escala em que eles a produzem. Além das questões relacionadas à produção da soja, procura-se perceber a avaliação que o agricultor faz deste cultivo em sua propriedade nos últimos anos, assim como, suas pretensões futuras com relação à cultura.

O trabalho parte de duas hipóteses principais. Uma delas é que a cultura da soja se firma e mantém nas pequenas propriedades por que há grande facilidade em comercializá-la. Outro pressuposto do cultivo nos pequenos estratos de área estaria relacionado à facilidade na obtenção de financiamento trazida pelo crédito rural, especialmente o Pronaf (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar). Essa segunda proposição acontece porque, como já é sabido, o Pronaf financia a produção da oleaginosa pelos agricultores familiares a partir de recursos com juros muito baixos (menores que as taxas de mercado), oferecendo ainda o seguro agrícola nos casos em que ocorre a frustração da safra.

Mais do que levantar uma discussão que envolva uma *commodity* tão importante economicamente na região das Missões/RS, como a soja, este trabalho pretende chamar atenção para uma realidade que pode estar presente em vários municípios que possuem na sua maioria propriedades rurais familiares. Isso porque, como o cultivo de soja em pequena escala acaba por descapitalizar muitos pequenos produtores, aumentam-se as chances dele vir a abandonar a atividade agrícola, com implicações sociais muito mais sérias.

Em uma região essencialmente rural como a Região das Missões (Noroeste do Rio Grande do Sul), em que a base da economia de vários municípios é a agricultura, é fundamental que sejam realizados estudos sobre a situação produtiva nas comunidades rurais, pois dessa forma, através de dados, é possível avaliar se a produção a qual se direciona uma parte significativa das propriedades continuam ou não sendo uma boa opção para sustentar a economia desses municípios.

1.1. Metodologia da pesquisa, etapas do trabalho de campo e problemática

Em primeiro lugar, realizou-se uma pesquisa bibliográfica baseada em materiais de cunho qualitativo e quantitativo. Esse contato com os dados e informações focalizou



prioritariamente a produção da soja, o que acabou se tornando indispensável para o estudo que ora apresentamos. Isso porque, como pôde ser observado, as pesquisas que se direcionaram sobre essa oleaginosa caminhavam por dois lados. O primeiro aspecto fortemente discutido na temática que envolve a produção de soja aborda principalmente o seu cultivo durante a “revolução verde” e a sua atual expansão pela região Norte e Nordeste do país, destacando os seus efeitos ambientais, econômicos, sociais, espaciais e culturais. Nesse caso, a discussão está voltada aos grandes produtores. A segunda leva de estudos que se debruçam sobre a soja se restringe quase que exclusivamente as questões mais técnico-agronômicas, ou seja, estudos da sua produção sob diferentes solos, adubação, cultivares etc.

Diante disso, ficou evidente que a produção de soja retratada dentro das pequenas propriedades acabou sendo deixada de lado pela maioria dos pesquisadores mesmo com a grande expressividade da agricultura familiar nos estabelecimentos agropecuários brasileiros (85%) e na produção de soja nacional (32%), segundo os dados do IBGE em 1995/96. Esse contexto de escassez de trabalhos acabou motivando a escolha do presente objeto de estudo.

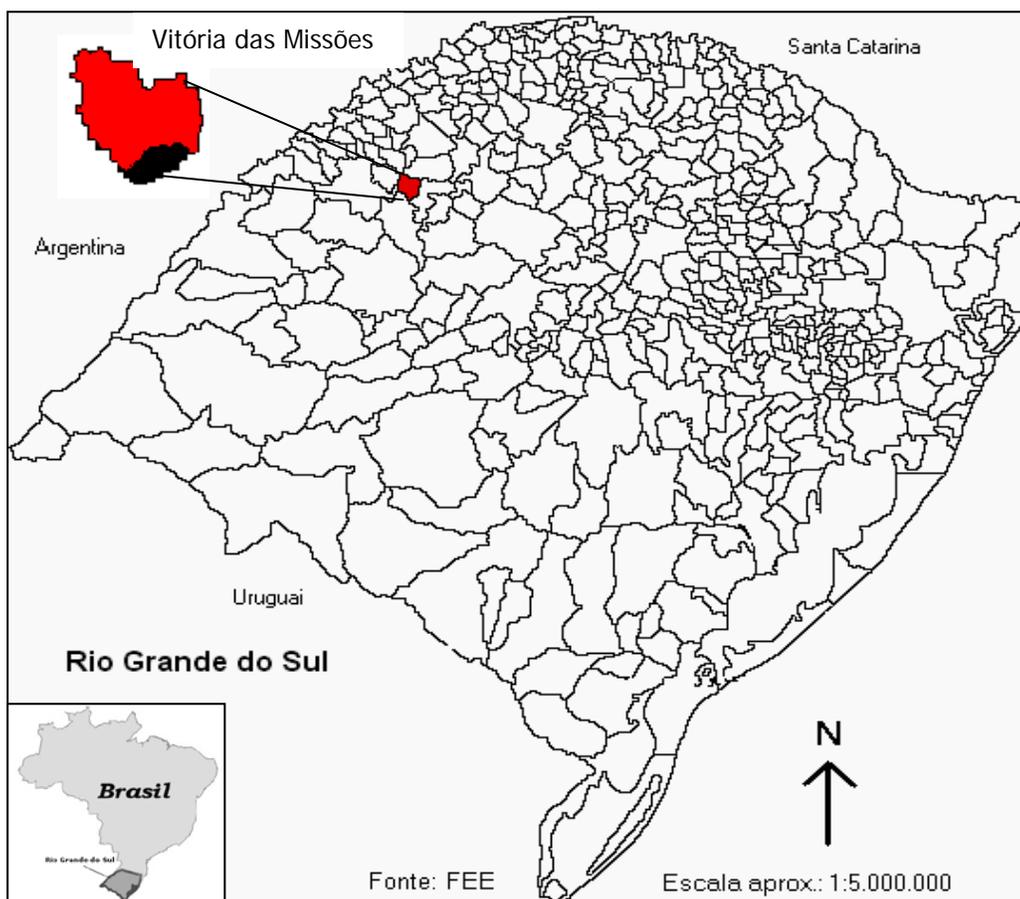
Após delimitar os atores e a sua atividade a ser estudada (agricultores familiares com produção de soja) e a problemática da pesquisa (inviabilidade econômico-financeira da soja para esse estrato de produtores), realizou-se o recorte da pesquisa empírica. A escolha do município se deu por intermédio de três motivos: a expressividade das propriedades familiares, o aumento da produção da soja nas duas últimas décadas e o cultivo dessa oleaginosa nas pequenas unidades de produção. A partir desses critérios delimitou-se o universo empírico ao município gaúcho de Vitória das Missões, que possui mais de 98% dos estabelecimentos rurais na categoria de pequenas propriedades familiares, segundo o Censo Agropecuário 1995/1996. No que se refere a produção da soja, os níveis são crescentes a partir de 1980, com leve estabilidade após a virada do século. Um outro dado importantíssimo que mostra a grande disseminação e permanência da soja na agricultura familiar de Vitória das Missões é o grande volume de financiamentos direcionados a esses produtores para a oleaginosa. Segundo o responsável pela realização dos cadastros, em torno de 80% de todos os projetos de custeio do Pronaf (Programa Nacional de Fortalecimento do Agricultura Familiar) encaminhados são para financiar a cultura da soja.

Com o recorte espacial, foram feitas visitas a campo no município para identificar os locais em que ocorre o processo a ser analisado. Depois dessa etapa, escolheu-se a comunidade de Rolim de Moura para etapa de aplicação dos questionários estruturados com os agricultores familiares que produzem soja a pelo menos 5 safras consecutivas. A opção por essa comunidade aconteceu pelas suas características representativas em relação à Vitória das Missões, ou seja, essa comunidade tem uma série de semelhanças que em grande parte contemplam as características do município.

O principal método utilizado foi a visita nas propriedades para aplicação dos questionários estruturados com os agricultores familiares. Dessa forma, foram entrevistados em outubro de 2006 um total de 11 produtores rurais da comunidade de Rolim de Moura, município de Vitória das Missões/RS – Brasil (vide Figura 1).



Figura 1: Vitória das Missões (vermelho) e Comunidade Rolim de Moura (preto) no Rio Grande do Sul



2. A EXPANSÃO DA SOJA NO BRASIL E A ATUAL VIABILIDADE PARA OS AGRICULTORES FAMILIARES

2.1. A expansão da soja no Brasil

A cultura da soja, em nível nacional, ganhou parcela de significância nos fins da década de 50 e início dos anos 60, induzida por grandes grupos econômicos internacionais sob a tutela dos estados nacionais que, através de toda uma insistente propaganda de reestruturação de culturas, hábitos alimentares, criação de instituições de fomento, entre outras, transformou o processo produtivo e social agrário, segundo Tedesco (1993). Em seu início a soja era cultivada em pequenas e médias propriedades, sendo consorciada com o milho. Aos poucos essa *commodity* vai ganhando espaço dentro do comércio exportador, passando a ser o carro feche de muitas unidades de produção.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Para Conceição (1986, p. 43), a década de 70 marcou o auge do ciclo expansionista da soja. O que impulsionou esse apogeu foram as excelentes cotações do produto no mercado internacional e a sua colocação em períodos de entressafra americana, propiciando, ano a ano, substancial elevação da oferta, a tal ponto que se tornou a principal cultura do Rio Grande do Sul e, posteriormente, do Brasil. Além disso, vários outros fatores influenciaram e condicionaram a expansão desse cultivar em meados do último quarto do século passado, tais como: incentivos fiscais disponibilizados aos produtores de trigo nos anos 50, 60 e 70 que acabaram beneficiando igualmente a cultura da soja, que utilizava no verão a mesma área, mão de obra e maquinaria do trigo cultivado no inverno; mercado internacional em alta, principalmente em meados dos anos 70, em resposta à frustração da safra de grãos na Rússia e China; substituição das gorduras animais (banha e manteiga) por óleos vegetais; estabelecimento de um importante parque industrial de processamento de soja, de máquinas e de insumos agrícolas, em contrapartida aos incentivos fiscais do governo, disponibilizados tanto para o incremento da produção quanto para o estabelecimento de agroindústrias; estabelecimento de uma bem articulada rede de pesquisa de soja envolvendo os poderes públicos federal e estadual, apoiada financeiramente pela indústria privada (Swift, Anderson Clayton, Samrig, etc.) e; crédito rural subsidiado para médios e grandes produtores espacialmente localizados na região Sul e Sudeste.

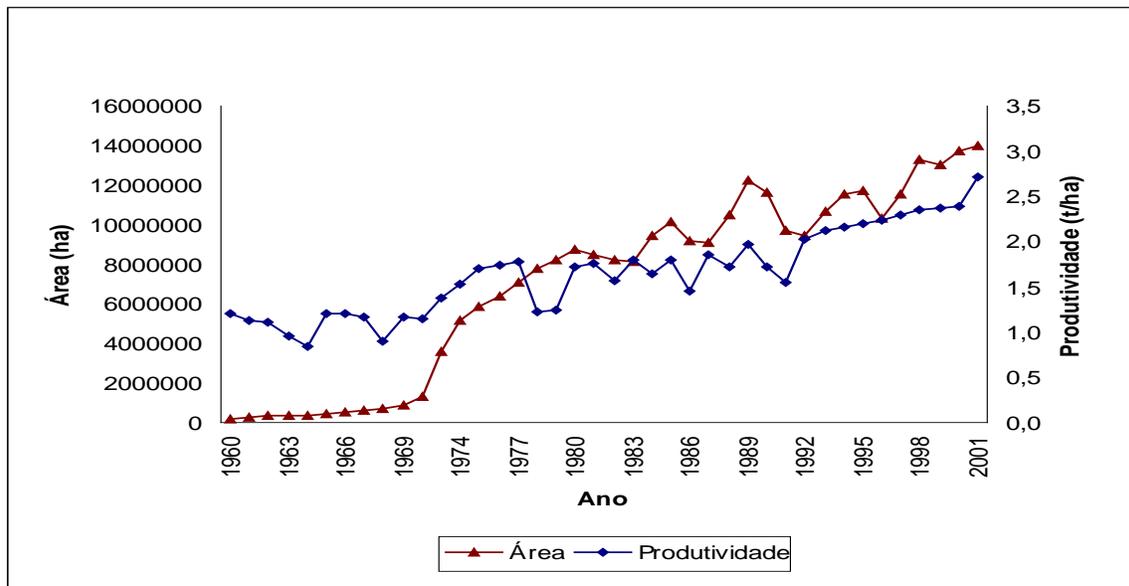
Esses fatores, além das novas técnicas de produção desenvolvidas e adquiridas por parte de alguns agricultores brasileiros, acabaram refletindo em um grande aumento na área cultivada e na produtividade por hectare. Como pode ser observado na Figura 2, a área de soja colhida tem crescido quase que continuamente, em especial a partir da década de 1970. Em 1960 a área colhida com soja foi de 171.440 hectares, no ano de 1970 foi de 1.318.809 hectares e nos anos de 1990 e 2001 foram de 11.584.734 e 13.988.351 hectares, respectivamente. Esse grande crescimento da área também veio acompanhado de grande crescimento de produtividade, sendo crescente e ininterrupto a partir da década de 90. Vale destacar que esse aumento da produção por área está fortemente relacionado com as estratégias de ganhos de escala e com a abertura de novas terras no Centro-Norte do país.

Figura 2 - Evolução da área e produtividade da cultura da soja: 1960-2001



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural

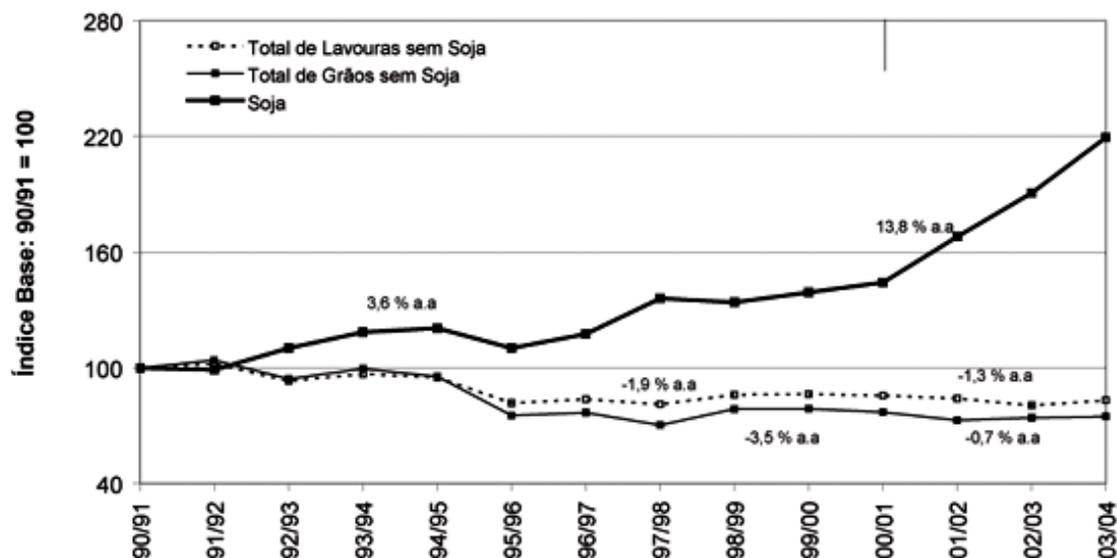


Fonte: IBGE (1960, 2001)

Elaboração: Lopes (2004)

Segundo Brandão et al. (2006), a soja registrou um aumento na taxa média anual de crescimento da área plantada de 3,6% no período 1990/91-2000/01 para nada menos do que 13,8% entre 2000/01 e 2003/04, conforme mostrado abaixo. Contudo, a taxa de crescimento média anual da área total plantada com "outros grãos" (menos a soja) também mudou seu comportamento, passando de um decréscimo de -3,5% para -0,7% na comparação dos dois períodos. Entretanto, o agregado da área total plantada com todas as lavouras (menos soja) praticamente não mudou seu comportamento no período, enquanto que é assistido um aumento surpreendente com a soja.

Figura 3 - Índices de área plantada com soja e com agregados de lavouras, de 1990 a 2003.



Fonte: IBGE e Conab *apud* Brandão et al. (2006)

2.2. A viabilidade da soja na agricultura familiar na Região das Missões/RS

O cenário recente vem apresentando o aumento constante dos custos de produção no cultivo da soja e a necessidade de se ter ganhos de escala para uma produção lucrativa dessa *commodity*. Como a oleaginosa é uma das culturas mais disseminadas na região das Missões e como a estrutura fundiária deste espaço é em sua maioria composta de pequenas propriedades rurais, algumas pesquisas tem sido feitas a fim de saber a real viabilidade dessa cultura se cultivada em pequena escala. Dessa forma, um estudo foi realizado com a finalidade de determinar a área mínima para cultivo de soja convencional e transgênica em São Luiz Gonzaga/RS - Brasil, (Fenner, 2006). Essa pesquisa observou que pela determinação mínima de área cultivada com soja, esta cultura se torna inviável quando cultivada em pequena escala, ou seja, em unidades de produção familiares.

Os valores apresentados na Tabela 1 correspondem aos custos totais que o produtor teria com o plantio da soja transgênica em área de 10 a 50 hectares em sua propriedade. Essa tabela torna mais visível à demonstração dos custos analisados pelo estudo em que se constatou a inviabilidade da soja em pequenas áreas. Os valores da tabela foram elaborados em dólar americano (US\$).

Dentro do custo operacional total, tem-se todos os gastos para as operações desenvolvidas desde o plantio até a colheita, ou seja, gastos com máquinas e equipamentos, insumos, combustível, depreciação, transporte, custos de juros com financiamento adquirido para o custeio da cultura, entre outros.

Tabela 1. Custos totais para o Grupo 1, 10 a 50 hectares, para plantio de soja transgênica, em São Luiz Gonzaga (US\$/ha).

Rubricas	US\$/ha					
	2000/2001	2001/2002	2002/03	2003/04	2004/05	Média
A – Custo Operacional Efetivo	145,65	122,03	127,45	175,90	235,48	161,30
B - Depreciação Total	10,32	8,18	8,34	11,39	15,11	10,67
C – Custo do Financiamento	12,39	10,25	10,64	14,68	17,66	13,12
D – Custo Operacional Total (A+B+C)	168,36	140,46	146,43	201,97	268,26	185,09
E – Custo de Oportunidade do Capital	4,16	3,40	3,54	5,31	7,28	4,74
F – Custo de Op. da Terra	57,01	41,64	48,97	52,57	54,32	50,90
G – Custo de Op. do Empresário	27,15	19,78	17,08	16,28	17,14	19,49
H - Custo de Op. Total (E+F+G)	88,32	64,82	69,59	74,16	78,74	75,13
I – Custo Total (D+H)	256,68	205,28	216,02	276,13	347,00	260,22

Fonte: Fenner, 2006.

O Custo de oportunidade do empresário demonstra quanto o empreendedor/proprietário poderia receber se vendesse a terra e fosse trabalhar em outro empreendimento, como empregado. Os valores empregados para determinação da remuneração do capital, são os juros pagos pelo mercado financeiro durante um semestre, 3% em média. A Tabela 2 demonstra o calculo do Resultado Líquido (RL), onde é representada a diferença entre a receita bruta e o custo total do empreendimento, levando em consideração o Custo Operacional Total e os Custos de Oportunidade (FENNER, 2006).

Tabela 2. Cálculo do Resultado Líquido para cada estrato de área em plantio de soja convencional e transgênica.

Grupos	RL (US\$/ha)	
	Convencional	Transgênico
10-50	-15,62	-27,41
50-100	-1,00	-13,26
100-200	2,24	-9,77
200-500	5,70	-7,20
500-1000	13,92	0,34

Fonte: Fenner, 2006.

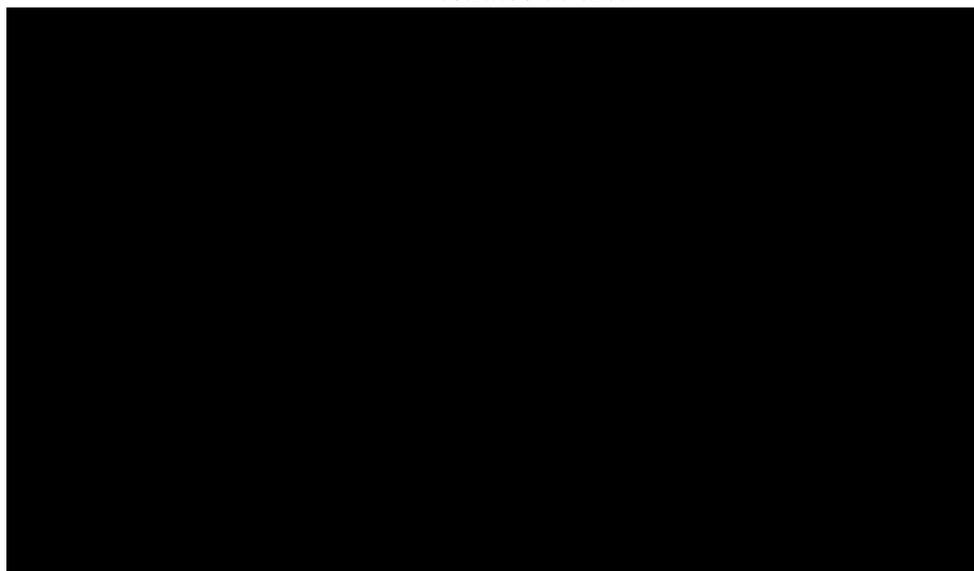
Segundo Fenner (2006, p. 58) analisando a Figura 4, os valores acima de zero, significam que a cultura cobre todos os custos e está dando lucratividade ao produtor:

“Os valores negativos, abaixo da linha US\$ 0,00, significam, teoricamente, que, se o produtor arrendasse suas terras, vendesse o total de máquinas e implementos e trabalhasse por um salário mínimo, teria melhores resultados que os que obtém com a produção de soja. Significa dizer

que o empreendedor está pagando para trabalhar. Isto ocorre nos dois primeiros grupos para soja convencional, e só não acontece no último grupo da soja transgênica”.

Ainda segundo o autor da pesquisa, uma análise mais crítica do gráfico abaixo permite admitir que, a princípio, a atividade “soja” é uma boa opção para produtores que tenham mais de 100 ha com produção de soja convencional e mais de 500 ha para os que cultivam soja transgênica. Sob essa perspectiva, o trabalho mostra que os agricultores familiares que detêm uma área menor ou igual a 100 hectares o cultivo da soja parece não ser a melhor opção para o produtor (FENNER, 2006).

Figura 4 - Resultado líquido da produção de soja convencional e transgênica no município de São Luiz Gonzaga-RS, no período de 2000 a 2004 de acordo com cinco estratos de área.



Fonte: Fenner (2006)

3. CARACTERIZAÇÃO GERAL DAS PROPRIEDADES FAMILIARES EM ESTUDO

Conforme demonstrado no estudo sobre a viabilidade da soja em pequena propriedade (Fenner, 2006), para que essa cultura se torne viável precisa-se deter uma área no mínimo superior a 100 ha para soja convencional e 500 ha para soja transgênica. Caso contrário, o agricultor acumulará apenas resultados negativos por que a cultura não cobrirá seus custos de produção.

Tendo em vista esses dados, este estudo buscou entrevistar agricultores familiares que possuíam menos de 50 hectares. A primeira questão colocada objetivava saber que motivos levaram esses agricultores a ingressarem o cultivo da soja em suas propriedades. A resposta a pergunta foi unânime: “a soja era uma cultura muito rentável”. Nesse sentido, a



viabilidade econômica no início era alcançada sem muitos insumos e com base em poucas máquinas, o que refletia em parcelas significativas de lucros diante desses baixos custos e dos altos preços pagos. Conforme foram se capitalizando a partir da aquisição de lucros sobre a produção de soja, os agricultores começam a comprar maquinários para facilitar o cultivo e aumentar a produtividade. No entanto, isso se refletiu em despesas maiores aliadas a necessidade crescente de *inputs* modernos (adubos, agrotóxicos, etc.).

A soja definitivamente não é uma cultura recente nas propriedades, visto que, a média de idade da produção ficou em 27,45 anos. Mais de 30% das unidades produzem a *commodity* a mais de 40 anos. Apenas um estabelecimento cultiva a menos de 20 anos, mas é porque esse agricultor já trabalhava com a soja na casa dos pais.

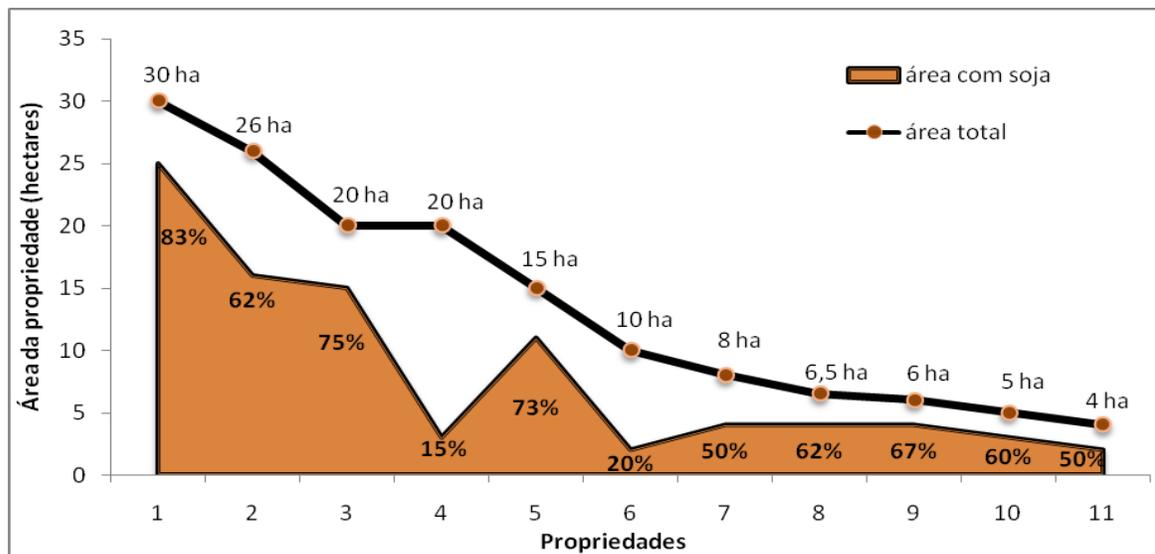
Atualmente o tamanho total da área que os agricultores pesquisados possuem varia de 4 a 30 hectares, alcançando uma média geral de 13,68 ha por propriedade, conforme a Figura 5. Como pôde ser visualizado, são unidades pequenas e que contêm no seu interior várias atividades agropecuárias, especialmente ligadas à produção de grãos, com destaque à soja. Inclusive em 82% das propriedades mais de 50% da área é reservada para a cultura da oleaginosa. Isso nos condiciona a percepção de que a soja certamente não é uma cultura qualquer ou meramente ocasional nas propriedades, mas sim uma *commodity* que tem seu espaço específico e que se configura como uma das principais, quando não a principal atividade dentro da unidade de produção. Em algumas propriedades o cultivo atinge 80% da área total da propriedade. Mesmo sendo significativa a proporção, é pequena a quantidade em área, já que na média da soja nas unidades ocupa 8,09ha, sendo que a menor área de cultivo é de 2 ha e a maior é de 25 ha.

A Figura 5 ajuda a perceber que mesmo nas unidades extremamente pequenas (com até 8 hectares) a soja vem ocupando acima de 50% da área da propriedade. Nesses casos, a possibilidade de se deter rendimentos suficientes para alcançar uma produtividade mínima dificilmente acontece por 3 motivos: i) impossibilidade de ganho em escala pela pequena quantidade produtiva; ii) altos custos de produção pela necessidade de terceirizar os maquinários de plantio, manutenção e colheita (que em geral cobram de 10 a 20% do total colhido); iii) perdas da produção pelas características acentuadas do relevo dos estabelecimentos, já que dificilmente se tem a entrada de máquinas, exigindo um trabalho manual que não atinge a mesma eficiência de uma colheitadeira ou semeadeira. Portanto, é extremamente difícil que um agricultor com 2 hectares de soja plantada, por exemplo, consiga extrair algum lucro sobre essa pequena produção e sobre os baixos preços que perpassaram o ano de 2006 diante da valorização do real.

Desta forma, se a produção de soja não contribui economicamente para propriedade e se a *commodity* abrange mais da metade da área da unidade, a renda da família possivelmente se encontra comprometida se as fontes se reduzem ao interior do domicílio. Portanto, nos casos em que não tem ocorrido o exercício da pluriatividade ou que não se tem tido a entrada de recursos externos a propriedade (aposentadoria, pensão, etc.), isto é, nas famílias exclusivamente agrícolas e minifundiárias, é visível a condição de vulnerabilidade dos componentes da unidade doméstica.



Figura 5 - Área total dos entrevistados (em hectares) e as respectivas áreas com soja (em percentual).



Fonte: Pesquisa de campo (2006).

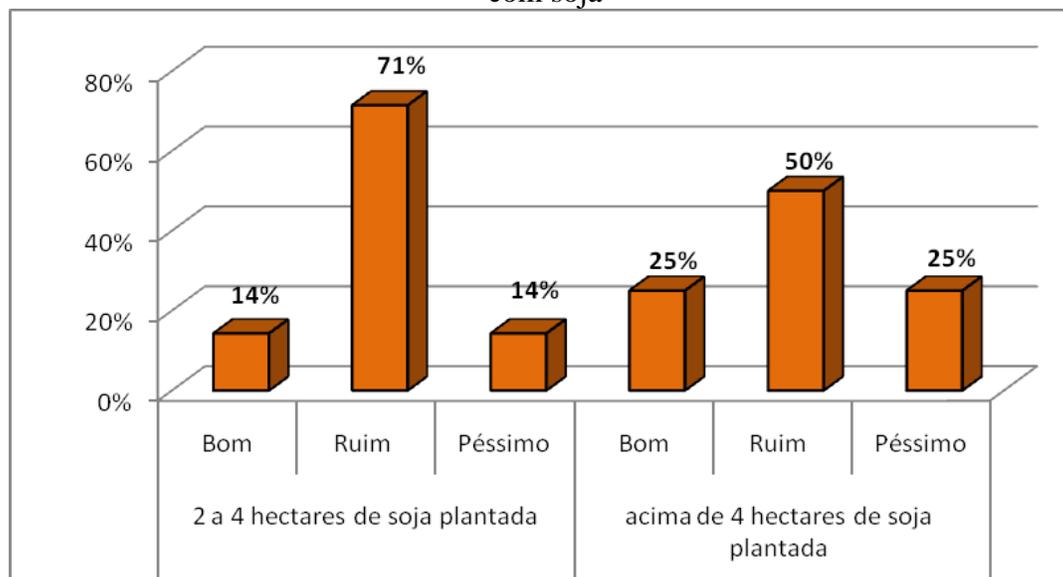
Todos os agricultores informaram que utilizam sementes de soja transgênica em suas lavouras. Apenas um entrevistado possui uma pequena área de soja convencional. Além disso, o cultivo da soja, em todas as propriedades, é feito através do sistema de plantio direto.

As áreas cultivadas com soja nas propriedades também não sofreram muitas alterações nos últimos tempos. Do total dos agricultores entrevistados, 33% responderam que a área destinada à cultura diminuiu nos últimos 5 anos, enquanto que 67% vem mantendo a mesma área de produção de soja na propriedade. Portanto, nenhum entrevistado aumentou a área de cultivo, pelo menos nesse período mais recente compreendido pelos 5 últimos anos. Dos 7 produtores que tem menos de 4 hectares plantada com a oleaginosa 67% diminuiram suas áreas.

Não por coincidência esse mesmo estrato de agricultores (de 2 a 4 ha plantada com soja) informaram que nesses últimos 5 anos a produção foi considerada ruim para 71% deles (as opções estavam entre ótimo, bom, regular, ruim e péssimo), conforme a Figura 6. Essa mesma ilustração mostra ainda que apenas uma propriedade considerou a produção boa e outra interpretou como péssima. No grupo dos agricultores com mais de 4 hectares cultivadas (chegando ao máximo de 25 ha), os resultados foram mais próximos mas dentro das mesmas opções. De qualquer forma, fica visível que os choques e frustrações se intensificam conforme menor for o tamanho da área cultivada com a *commodity*.



Figura 6 - Avaliação (em %) feita pelos agricultores entrevistados sobre os últimos 5 anos de produção de soja nas propriedades – separando os grupos pelo estrato de área cultivada com soja



Fonte: Pesquisa de campo (2006).

Mesmo que os resultados não tenham sido tão animadores, 78% dos agricultores familiares pretendem plantar soja na próxima safra. Em contraponto, um produtor não vai mais plantar e outro ainda está indeciso em relação ao cultivo.

Diante desse nebuloso contexto, pode-se dizer que os resultados obtidos com as questões anteriores são surpreendentes e ao mesmo tempo contraditórios. Isso porque, por um lado é demonstrado uma insatisfação por parte do agricultor com relação à cultura da soja nos últimos anos, além de deixar claro que as áreas de produção são pequenas e que a tecnologia não é disponível a todos. No entanto, por outro lado, demonstrou-se também que a maioria dos agricultores deseja cultivar soja na próxima safra. Diante disso, há uma questão importante a ser respondida: se o nível de satisfação com os resultados obtidos com a produção de soja é tão baixo, que fatores levam esses agricultores a continuarem produzindo esta *commodity*?

4. FATORES DETERMINANTES AO CULTIVO DA SOJA NAS PROPRIEDADES FAMILIARES ESTUDADAS

Após as visitas nas propriedades ficou perceptível que não é exclusivamente um ou outro fator que leva o agricultor ao cultivo da soja, mas um conjunto de condicionantes que garantem a manutenção da cultura nas propriedades mesmo em contextos econômico-produtivos desfavoráveis. A pesquisa levantou alguns desses fatores que, segundo os agricultores, são os motivos que os levam a produzir soja em suas propriedades: facilidade de comercialização, existência de crédito para custeio da produção, poucas opções de



cultura que os agricultores tenham conhecimento de cultivo e desconhecimento dos custos de produção.

4.1. Facilidade de comercialização

É importante ressaltar que todo o produtor rural, quando necessita de um produto para estabelecer a troca da mercadoria, tem como uma de suas preocupações principais a comercialização de sua produção. Essa apreensão obviamente se estende também aos produtores de soja. Dessa forma, o fator que se configura em um dos principais e foi citado imediatamente por todos os entrevistados que plantaram ou ainda plantam soja, foi à facilidade de comercialização ligada a essa produção.

Segundo os produtores, poucas culturas são tão fáceis de comercializar quanto à soja, embora os preços tanto dos insumos quanto o de venda estejam constantemente oscilando, um dos motivos que os levam a preferir essa cultura em relação a outras é o mercado que está sempre disposto a comprar, obviamente que nem sempre por um valor considerado satisfatório pelos agricultores, mas a garantia de comercialização é um forte atrativo para eles e acaba por resultar na continuidade da produção. Mesmo porque, se não tivessem compradores, os agricultores não teriam condições em sua propriedade para armazenar a produção, perdendo por completo. Portanto, preferindo a certeza da venda garantida do produto, a tentativa de desenvolver outras culturas é deixada de lado. Dessa forma, o agricultor se mantém produzindo, embora tenha que enfrentar os constantes riscos que podem influenciar no seu resultado produtivo. Vale destacar nesse momento a crucial importância das grandes cooperativas, que são os agentes responsáveis pela intermediação da soja entre o agricultor e a agroindústria processadora.

4.2. Existência de crédito para custeio da produção

Outro fator de grande importância e que facilita a produção de soja é o crédito rural. Dos agricultores entrevistados, 89% produziu com base no financiamento e apenas 11% auto-financiou a sua produção. O crédito em questão é em 100% dos casos o Pronaf (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), do qual acessam a linha C para custeio da safra (agricultores familiares com renda bruta anual acima de R\$ 3 mil e até R\$ 16 mil).

O crédito acessado via Pronaf se torna um importante instrumento que o agricultor utiliza para se manter produzindo soja. De todos os entrevistados que retiram crédito, 63% deles disseram que não plantariam essa cultura se ela não fosse financiada. Vale considerar que o programa oferece recursos com taxas de juro muito abaixo do mercado, onde o montante de recursos e as condições de pagamento variam conforme as características dos agricultores.

Como a maioria dos produtores entrevistados se encontram descapitalizados, foi visível o importante papel do Pronaf para garantir a manutenção das atividades produtivas na propriedade. Com as vantagens de pagamento, com os juros baixos e com o bônus para pagamentos em dia, o valor financiado sai literalmente mais barato ao ser pago do que o valor retirado para produzir. Esse subsídio é uma das facilidades proporcionadas pelo



Pronaf, sendo um grande atrativo para que a maioria dos agricultores produza através desse financiamento.

Além disso, o Pronaf proporciona também uma certa segurança aos agricultores, já que, se ocorrerem alguns imprevisto que resultem em perdas significativas da produção os produtores poderão obter um abatimento no valor total ou em parte do valor a ser pago. Essa segurança é trazida pelo Proagro Mais (Programa de Garantia de Atividade Agropecuária). Este programa tem como objetivo liberar o produtor rural do pagamento de suas obrigações financeiras relacionadas as operações de crédito rural de custeio e indenizar o valor dos recursos próprios aplicados no empreendimento quando há perda de receita em consequência de adversidades climáticas ou doenças e pragas sem método difundido de combate, controle ou profilaxia (PLANO SAFRA 2006).

Contudo, vale chamar atenção que tanto o Pronaf como o Proagro Mais não garantem a renda da produção para o agricultor, pois essas políticas só os liberam de parte dos pagamentos em meio as adversidades climáticas. Portanto, se o agricultor não tiver condições de pagar seu financiamento – seja por motivos relacionados a baixa produtividade, custos de produção elevados ou baixos preços pagos – não haverá mecanismos aptos a quitar essa dívida do produtor e este ficará endividado.

Segundo o responsável pelos projetos do Pronaf no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Vitória das Missões, em torno de 80% dos contratos de custeio do Pronaf encaminhados são para financiar a cultura da soja, o que evidencia a grande expressividade dessa *commodity* nas pequenas unidades de produção. Mas, o que limita e faz como que o agricultor não busque financiamento para outras culturas em sua propriedade é o fato de que o Pronaf destina recursos apenas para o custeio de quatro culturas anuais no município, sendo elas: feijão, mandioca, milho e soja. Dessa forma, como a mandioca, o feijão e o milho normalmente são cultivados com fins de consumo na propriedade, raramente acabam sendo financiados nesse município. Isso acaba levando os agricultores a terem poucas opções de culturas à serem custeadas e acabam por continuar produzindo soja. As próprias culturas anuais asseguradas pelo Proagro são as mesmas que o Pronaf financia. Isto acaba limitando a produção de outras culturas pelos agricultores porque se defrontarão com a falta de financiamento para custeio e com a insegurança se produzir sem a garantia do Proagro.

4.3. Poucas opções de cultura que os agricultores tem conhecimento de cultivo e assistência técnica para auxiliar

A falta de conhecimento do agricultor sobre novas culturas e formas de cultivo pode fazer com que ele se torne relutante em mudar sua matriz produtiva. O que se verificou nas respostas dos entrevistados é que embora a soja muitas vezes não lhes satisfaça financeiramente, eles já detém experiência, já conhecem bem a forma de cultivo, tem facilidade para comercializar, muitas vezes já investiram em instalações e adquiriram tecnologia para tal e conhecem os riscos associados a ela. Assim sendo, a eles parece melhor continuar a produzi-la do que voltar-se a produção de algo novo, com muitas possibilidades, mas com riscos desconhecidos e mercado incerto.

Levar alternativas para o campo também não é tarefa fácil. Primeiro por que, como já mencionamos, o agricultor nem sempre está disposto a aceitá-las. No entanto, o problema



mais grave parece se concentrar na deficiência de assistência técnica que possa atender e acompanhar as demandas do meio rural.

Uma discussão que surge sobre a assistência técnica diz respeito a uma deficiência de acompanhamento técnico por parte dos órgãos a quem cabe à elaboração dos projetos do Pronaf e das próprias organizações a quem compete à atividade de extensão. Isso acaba fazendo com que o agricultor não tenha uma base de apoio que lhe permita criar possibilidades de tentar desenvolver sua propriedade através de projetos voltados a outras culturas ou até mesmo há outros setores dentro da propriedade.

A assistência aos agricultores familiares, quando acontece, acaba se detendo quase que exclusivamente no auxílio à produção de uma cultura, não levando novas opções aos agricultores. Segundo Bueno (2005), quando se fala em assistência técnica, não se deve pensar apenas no monitoramento das culturas desenvolvidas na propriedade, mas sim de um acompanhamento que abranja todos os setores que a envolvem, inclusive uma assistência voltada ao planejamento integrado da propriedade. No entanto, o que se assiste é um grande despreparo de muito técnicos que estão em uma lógica produtivista indiferente das condições encontradas no interior das propriedades. Desta forma, a carência de profissionais que estejam disponíveis e habilitados a desenvolver projetos em diversas áreas acaba condicionando os agricultores as práticas tecnicamente mais fáceis, rápidas e que eles já detêm um conhecimento prévio do cultivo. Direcionando assim, mesmo que indiretamente, ao cultivo da soja.

Ao serem questionados sobre se abririam mão do cultivo de soja em suas propriedades se encontrassem alguma alternativa mais rentável do que a soja, todos os entrevistados relataram que sim. No entanto, como complemento de resposta, advertiam “isso se ela for tão fácil de vender quanto à soja”.

4.4. Desconhecimento dos custos de produção

Além desses fatores que foram declarados pelos próprios produtores, foi possível ainda identificar um outro aspecto que acaba influenciando na tomada de decisão sobre o plantio da soja: a falta de conhecimento dos custos de produção. Isso pode ser visualizado quando foi perguntado se fazem algum tipo de controle dos custos de produção da cultura da soja na propriedade, 73% declararam não fazer esse cálculo, não sabendo exatamente o retorno que a cultura traz ou se a cultura traz algum resultado econômico positivo. Já 28% disseram fazer os cálculos desse custo, no entanto, o único mecanismo de controle utilizado se baseia no fato de eles guardarem as notas de compra de insumos (sementes, adubo, fertilizantes, herbicidas, etc.). Enfim, não há um controle que contabilize o custo de produção propriamente dito. Depreciação, custo de oportunidade da terra, do capital, pro labore são custos que não entram na contabilidade dos agricultores que elaboram o cálculo dos valores gastos com a produção. A noção de custos, para os que demonstraram se preocupar com isso resume-se aos gastos (desembolso).

Assim sendo, um controle elaborado de forma errada faz com que tudo o que não estiver nas notas de compra de sementes e insumos se constitua em lucro para o produtor, o que obviamente o leva a pensar que a cultura está sendo economicamente viável na propriedade. Além do mais, o desconhecimento da depreciação dos bens dificulta a



renovação ou substituição dos mesmos ao final de suas vidas úteis (ANTUNES E ENGEL, 1999).

A falta de conhecimento pelo produtor de como fazer os cálculos de custos da produção e da importância que essa informação tem para direcionar os investimentos na propriedade, certamente se constitui em um fator que o leva a continuar produzindo uma cultura economicamente inviável em tão pequena escala, como está sendo feita.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A agricultura dita moderna trouxe consigo uma maneira de produzir fortemente direcionada à produção de *commodities*. No entanto, grande parte dos pequenos produtores familiares, que por sinal representam a maior parte dos estabelecimentos agrícolas do país, mesmo não estando preparados para comportar esse aporte produtivo-tecnológico acabaram se inserindo nessa lógica, sofrendo fervorosamente as consequências. Após duas décadas desse modelo uma minoria conseguiu se sair bem dessa situação, outra parcela teve que migrar pelas condições adversas provocados por este sistema e uma parte dos agricultores que continuaram na agricultura em suas pequenas áreas ficaram cada vez mais sujeitos a essa lógica produtivista.

As hipóteses propostas por esse estudo acabaram sendo verdadeiras. A facilidade de comercialização foi realmente o fator considerado pelos agricultores como sendo o de maior relevância na tomada de decisão sobre o que produzir. Por outro lado, o crédito rural também assume grande importância por que se torna um instrumento de produção na medida em que muitos não produziriam sem essa ajuda. Entretanto, a falta de conhecimento dos custos de produção ou os cálculos elaborados de maneira errada tornam-se um grande atenuante para a continuidade do cultivo da soja. No geral, o conceito atribuído ao que se chama de custo de produção é um conceito superficial e mal elaborado pelos agricultores e isso não se constata apenas para a soja (BESKOW, 2006), mas para várias atividades desenvolvidas nessas propriedades que igualmente não devam possuir um controle de custos.

No entanto, há que se verificar que as facilidades que se encontram atualmente para a produção de soja são muitas. Essa cultura, pela importância econômica que possui na região, é amparada por um grande fluxo de facilidades que torna os agricultores mais suscetíveis à produção. É fácil comprar sementes, insumos, fertilizantes, enfim, em vários lugares há alguém que conheça e possa indicar os tratamentos culturais e a forma de manejo da cultura. Tanto cooperativa, quanto entidades de assistência técnica detêm facilmente esse conhecimento. Além disso, a soja é usada de forma positiva na rotação de cultura com o milho. Dessa forma, tudo acaba convergindo para que o agricultor produza essa cultura.

Os agricultores familiares, na maioria das vezes sem perceberem, estão se descapitalizando cada vez mais por que não compreendem a real dimensão de cultivarem algo que não é viável na escala em que produzem. A resistência que muitas vezes se encontram na introdução de outras culturas como alternativas a soja, acabam por fracassar por que o agricultor prefere uma certa segurança na comercialização e tem esperança de que o clima seja adequado e os preços de venda sejam melhores. No fundo, o passado, que realmente trouxe bons resultados econômicos pelas melhores condições das terras e pelo

financiamento subsidiado acaba sempre intervindo na tomada de decisão sobre alguma nova cultura.

Este trabalho, que em muito se baseou no ponto de vista e na realidade do próprio agricultor, cria perspectivas para traçar estratégias que possam dar um novo direcionamento a produção na região, fazendo com que o ponto de partida seja o entendimento desses fatores que facilitam a produção de soja e a superação dos mesmos, com culturas desenvolvidas através da vocação produtiva de cada contexto. Para isso, é fundamental uma articulação entre as entidades locais para que se possam organizar formas inovadoras no sentido de mostrar aos agricultores a real situação da soja no contexto atual da agricultura familiar.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, L. M. e ENGEL, A. **Manual de administração rural: custos de produção**. 3ª. ed. Guaíba: Agropecuária, 1999. 196 p.
- BALSAN, Rosane. **Impactos Decorrentes da Modernização da Agricultura Brasileira**. CAMPO-TERRITÓRIO: Revista de geografia agrária, v. 1, n. 2, p. 123-151, ago. 2006. <www.campoterritorio.ig.ufu.br/include/getdoc.php> Acesso em 3 out. 2006.
- BESKOW, Wagner. **Custos de Produção nas Pequenas Propriedades**. São Luiz Gonzaga, 09 de nov. 2006. Obtenção de informações para realização da monografia.
- BRANDÃO, Antonio S. P; REZENDE, Gervásio C; MARQUES, Roberta W. C. **Crescimento agrícola no período 1999/2004: a explosão da soja e da pecuária bovina e seu impacto sobre o meio ambiente**. Econ. Apl. v.10 n.2 Ribeirão Preto abr./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>> Acesso em: 2 out. 2006.
- BUENO, Neimar. **A importância da ferramenta projeto para o sucesso das atividades produtivas dos produtores tomadores de crédito da linha c custeio do programa nacional da agricultura familiar (Pronaf), no município de São Luiz Gonzaga-RS**. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, 2006. Trabalho de Monografia.
- CONCEIÇÃO, O. A expansão da soja no RS, 1950-1975. In: **Ensaio FEE**. Porto Alegre, 1986.
- FENNER, Rideguer. **Determinação da escala mínima de lavoura de soja transgênica e convencional para a viabilidade econômica de seu cultivo em São Luiz Gonzaga – RS**. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, 2006. Trabalho de Monografia.
- LOPES, I. V. Uma liderança ameaçada. In: **Revista Conjuntura Econômica**, Rio de Janeiro, v 12, n. 58, 2004. p. 40- 41.
- MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. **Lei da Agricultura Familiar**. Disponível em:<<http://www.mda.gov.br>> Acesso em: 27 de set. 2006.
- PLANO SAFRA. Disponível em:<http://www2.faepe.com.br/docs/pronaf_2005> Acesso em 10 de set. 2006.
- TEDESCO, João C. **Reflexões Em Torno do Processo de Modernização da Agricultura e a Pequena Produção Familiar: O Caso de Marau**. Teor. Evid. Econ. Passo Fundo Ano 1 n. 1 p. 67-95 março 1993.